

## Um ilustre biografado numa contingência *suis generis*

A coragem, a ousadia e o empreendimento inovador para a época, respondendo a uma questão fundamental num tempo ainda de escuridão sobre cartografia, navegabilidade e prova (empírica) da “esfericidade” da Terra<sup>1</sup>, colocam Fernão de Magalhães, entre outras coisas, como um dos pioneiros a pegar numa massa de conhecimentos teóricos e a colocá-los em prática, iniciando assim o caminho da investigação-ação. A circum-navegação é, de múltiplos modos, um outro modo de dizer “ciência”, uma ciência capaz de extravasar o simples diagnóstico ou a mera exposição de uma tese – a de que a Terra era circular e não plana – e de concretizar não apenas a experiência, mas também a aventura do que é obter uma tão decisiva prova científica.

Ora, grande parte da atual contingência vive, precisamente, de prova científica e de investigação aplicada. Vivemos sob a égide da ciência, um dos maiores intelectos contingentes da atualidade. Mas não só, e tal também se deve ao efeito circum-navegação. Para Giorgio Agamben (*A Medicina como Religião*, 2020), o Ocidente moderno, depois das primeiras viagens marítimas, terá ficado decisivamente marcado pela coexistência de “três principais crenças: o cristianismo, o capitalismo e a ciência”. Por este prisma, Fernão de Magalhães, ao abrir a possibilidade de novas rotas, contribuiu fortemente para maior dinamização destas três crenças: para o capitalismo, na medida em que possibilitara novas rotas comerciais e uma maior aceleração do comércio a nível global; para o cristianismo, porque permitira a criação de uma maior consistência na sua difusão, no sentido de colocar a Europa como centro de exploração e de poder comercial e assim concretizando maior dinamização nas colonizações que estavam já em marcha (colonizações

---

<sup>1</sup> Digo “prova com registo empírico”, na medida em que prova teórica e matemática da esfericidade da Terra já havia sido esboçada por Pitágoras no século VI a.C e aceite por Aristóteles no ano 330 a.C.

culturais, comerciais, sociais e religiosas); e para a ciência, não apenas na cartografia e na navegabilidade como também na possibilidade de acesso a territórios e na subsequente possibilidade de geração de novos conhecimentos (geográficos, geológicos, antropológicos, zoológicos, hidrográficos, orográficos, etc.).

Pela perspectiva de uma sociologia das associações contingentes pela qual pugno, entendo estas três crenças, que viram o seu desabrochar num ritmo sem precedentes após a confirmação fornecida pela circum-navegação, como substratos essenciais dos intelectos contingentes dominantes, influenciando de modo poderoso o pensar, o sentir e o agir contemporâneos. O que não é, de todo, pouco. Quando alguém quiser medir o verdadeiro impacto do feito de alguém, deve fazê-lo ao medir a força dos feitos não na presença do feitor, mas antes na sua ausência. Nisto, o feito iniciado por Fernão de Magalhães é avassalador.

Exposta e legitimada que está a importância de Fernão Magalhães sobre passado, presente e futuro, importa também mencionar que a atual contingência tem vindo a requerer a «forma social da biografia» como modo de pormenorizar o conhecimento sobre os grandes nomes da humanidade, entrando na tal espiral encetada pelas três grandes crenças do Ocidente moderno: na ciência, para se fazer o devido registo histórico, o que servirá, entre outras coisas, ora para estudar os diversos pormenores de geração de teorias e conhecimentos, ora até para tentar obter informação (psicológica, sociológica, comunicacional, etc.) para aumentar a probabilidade de repetição de novos feitos e sucessos; no capitalismo, para se criar em torno da figura biografada todo um complexo sistema de mais-valias, que vão desde o marketing e a propaganda até à replicação de vários tipos de merchandising, de produtos e de pedaços do passado, atravessando o vasto potencial turístico-cultural das regiões adstritas; e no cristianismo, sobretudo através da colagem do biografado aos arquétipos marcados por Cristo e pelas restantes figuras cristãs. Estes três intelectos contingentes do Ocidente conduzem, muitas vezes sem

querer, à repetição e à imitação de fórmulas antigas, mas recorrentes, na construção social da contingência.

Fernão de Magalhães não foge a estas dinâmicas. A sua figura tem estado associada à cultura científica, à cultura capitalista e até à cultura cristã. O facto de ainda hoje estar ausente a confirmação da sua naturalidade, constitui um lapso enorme para alguém que faz parte do topo dos cânones da ciência na perspectiva da investigação-ação, o que gera, pois claro, um crescente interesse simultaneamente científico, económico-financeiro e arquetípico.

Em certo sentido, é aqui que entra todo este trabalho de Irene Dantas. Ou seja, a “busca” pela sua naturalidade, com evidências que deambulam entre Ponte da Barca, Porto e Sabrosa, é a prova da força e da importância do biografado, bem como da própria «forma social da biografia» na contingência, sobretudo se legitimada pelo facto científico, primeiro na academia e depois nas comunidades, globais, nacionais, locais. A própria ciência da genealogia e da genética, em toda a sua abrangência e transdisciplinaridade, serve, muitas vezes, os propósitos da manutenção e da amplificação da tríade ciência-capitalismo-cristianismo com o objetivo de maximização das ideias e dos ideais associados às famílias, às localidades e à genealogia, contando com o que de benéfico e de nefasto isso representa.

Por outro lado, a força das biografias e a sua associação a dinâmicas nacionalistas, localistas ou até genéticas, está de certo modo ligado a uma ideia bastante generalizada na atualidade, sobretudo em Portugal: a da importância de uma perspectiva turística e cultural que siga o trilho do imaterial e que concretize, de uma só vez, essas três crenças: ciência, capitalismo e cristianismo.

Aliás, em Portugal, que optou por uma estratégia de desenvolvimento socioeconómico tendo como um dos vértices principais o Turismo num tempo que segue marcado pelo conseqüente crescimento de uma tendência mais imaterial, aumentou-se a

importância e até a responsabilidade, a governos e a autarquias, de listar, organizar e trabalhar as suas figuras de referência, colocando-as com a devida atratibilidade turístico-cultural. Era Simmel, em *Roma. Uma Análise Estética* (2003 [1898], in Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 67, p. 109-116) que entendia o artefacto como meio de prova, onde figuram também a estátua e até o livro, entre outros objetos, enquanto formas estéticas que permitiriam a subjetivação de acontecimentos e feitos, fazendo da materialidade, da sua possibilidade de contemplação material, o modo de concretizar as subjetividades do inanimado. Esta ideia, muito presente atualmente, acrescentaria ao «turístico-cultural pelo viés do imaterial» uma dinâmica de presença física considerável, servindo assim os propósitos do aumento da atratibilidade.

Em muitos casos, existem em Portugal exemplos de excelência na articulação entre a figura, a biografia, a naturalidade e o artefacto (monumento, empreendimento, museu, escola, etc.). Noutros, apenas sobressai uma pobre tentativa de exploração do potencial, quase exclusivamente pelo viés economicista. Se a primeira versão do busto de Cristiano Ronaldo no Aeroporto Internacional da Madeira pode servir de exemplo como demonstrativo de uma pobre objetivação feita a um gigantesco currículo imaterial, o caso das “Oficinas da Criatividade Himalaya” em Arcos de Valdevez, um espaço que tem como objetivo expor os feitos do cientista Padre Himalaya e que estará aberto sobretudo para famílias e jovens como equipamento de descoberta e de fruição, contando com um “Núcleo Interpretativo Himalaya” e um “Centro da Eco cidadania” dedicado à pedagogia científica, apresenta os ingredientes necessários para cumprir uma dinâmica holística e capaz de fazer beneficiar toda de relação entre biografado e naturalidade.

Independentemente destas problemáticas associadas à poderosa união entre ciência, capitalismo e cristianismo, o presente livro procura ser bem mais objetivo do que aqui afluamos: estabelecer uma relação factual entre o ilustre biografado e o seu local de nascimento.

O que não deixa de ser um modo de perspetivar Fernão de Magalhães por uma perspetiva gentílica, quer dizer, que é relativo à naturalidade. Perspetiva essa que também era comum entre Gregos, Romanos e Árabes. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, tomava-se o sujeito pela sua relação entre a natureza (*physis*) e o princípio (*arché*). Tal aconteceu com Tales de Mileto, o “primeiro filósofo” nas palavras de Aristóteles. A perspetiva gentílica unia a naturalidade, a natureza (Mileto), tornando-a depois passível de gerar arquétipo. Tales “era” um elemento ligado ao princípio, quer dizer, a “Mileto”. De acordo com os factos descritos neste livro, e pegando nesta perspetiva gentílica, Fernão seria, provavelmente, dos “Magalhães”, de “Magalhães”. Claro que numa perspetiva sócio-histórica contingente, tudo isto pouco nos diz de criativo a não ser que, tal como em Tales de Mileto, existe uma ligação, ainda que curta e reduzida, entre sujeito criador e naturalidade. Dir-nos-ia muito mais toda esta perspetiva gentílica se por exemplo a sua localidade de nascença fizesse uma interpretação constante, dinâmica e criativa sobre a circum-navegação e sobre a sua importância nas diversas áreas do saber contingente.

Sistematizando esta problemática sinuosa e complexa devido à ausência de registos de nascimento à época, a autora começa por contextualizá-la nos discursos sobre História, Memória e respetivas associações, para depois partir para uma análise mais crítica dos testemunhos documentais conhecidos sobre a naturalidade de Fernão de Magalhães. Trata-se de um revisitar historiográfico acerca do tema, onde se lançam, no final, algumas pistas de pesquisa suscetíveis de exploração futura. Mas a autora não pretende aqui substituir o tribunal, decidindo sem mais. Antes se coloca no lugar daquele que larga pistas, permitindo ao leitor que se apodere delas, que delas faça associações mentais e sócio-históricas sem que com isso comprometa julgamentos ou precipitações. Se há algo que deve levar à prudência é, precisamente, a historiografia: apenas descreve aquilo que existe de factual na contingência, sendo

que a contingência factual de hoje poderá não ser a de amanhã. Neste sentido, Irene Dantas cumpre todos os preceitos historiográficos, sem romantismos ou preferências, tal como as ciências se devem apresentar.

*Pedro Rodrigues Costa*  
14 de setembro de 2020